

Gestos que deveriam ser de clara relevância, como o pedido de perdão dos pastores pelos abusos cometidos contra os índios e os negros durante a Conquista de América, ou o reconhecimento nas religiões indígenas das chamadas "sementes do Verbo", perderam sua evidência e projeção ao ser colocados através de citações de João Paulo II.

A discussão final, conseguiu que o trabalho de mais de um ano dos documentos preparatórios desaparecesse, ao passar pelo funil da definição do que deveria ser a atitude dos pastores com respeito ao V Centenário: uma manifestação de ação de graças pela chegada da Fé na América. Atitude que já tinha sido apontada por João Paulo II e que foi reafirmada pelo Simpósio Internacional em Roma. Desta forma, evitou-se o desconfortável pronunciamento ante aspectos polêmicos do V Centenário à vez que se caracterizou, sem muita discussão, a atuação da Igreja como exemplo de uma verdadeira inculturação da Fé. As considerações sobre a primeira Evangelização se restringiram assim a uma geral evo-

cação que deixou os protagonistas no anonimato, optando-se também pelo silêncio com respeito à avaliação dos métodos e formas da Evangelização.

Contudo, dadas as dimensões do documento da IV Conferência, a parte de história tem o mérito de existir como expressão do anseio dos cristãos da América Latina de ter uma compreensão cada vez maior de seu passado. Mesmo sendo reduzido, o texto não deixa de apontar para a necessidade que tem a Igreja na América Latina de continuar voltando-se sobre as luzes e as sombras da sua história, por mais difícil e doloroso que isto possa ser. Vai ser nesse resgate da memória, que deverá conduzir a um trabalho de "metanóia, penitência e solidariedade" que a Igreja, como o apontava recentemente Paulo Suess, poderá abrir horizontes para a esperança.³²

O Autor:

Professor na PUC-SP
Professor de História — Na área da Pós-Graduação da Faculdade de Teologia N. S. da Assunção.
Endereço: Av. Cons. Rodrigues
Alves, 948, Ap. 7
CEP 04014-002 SP

32. SUESS, Paulo, (Coord.) A conquista espiritual da América Espanhola, Petrópolis, VOZES, 1992, p. 10.

OITAVA ASSEMBLÉIA GERAL DA SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (SOTER)

REFLEXÃO SOBRE SANTO DOMINGO

Pe. Pedro Luiz Stringhini

OBJETIVO DA SOTER

A SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (SOTER), fundada em julho de 1985, por um grupo de teólogos católicos de várias regiões do Brasil, tem por objetivo "incentivar e apoiar o ensino e a pesquisa no campo da Teologia e das Ciências da Religião; divulgar os resultados da pesquisa; promover o serviço dos teólogos a comunidades e organismos eclesiais nas perspectivas da opção preferencial pelos pobres; facilitar a comunicação e a cooperação entre os sócios e defender sua liberdade de pesquisa (Cf. Estatuto, Art. 3º).

A ASSEMBLÉIA

Anualmente a SOTER promove um encontro de estudo em nível

nacional, que aconteceu, este ano, em Ilhéus (BA), nos dias 8-12 de dezembro, com o tema "SANTO DOMINGO E OS 500 ANOS", vislumbrando os principais desafios à Evangelização na América Latina no "pós-Santo Domingo". Para isso, segundo o Pe. Márcio Fabri dos Anjos, presidente da entidade, "temos em vista a densa reflexão desencadeada sobre os últimos 500 anos de história da América Latina e os resultados da IV CONFERÊNCIA DO CELAM REALIZADA EM SANTO DOMINGO.

A SOTER quer ser um espaço ecumênico. Este caráter será tanto mais real, segundo o Pe. Márcio, na medida em que os teólogos de outras confissões religiosas se filiarem, o que tem acontecido, à

entidade e participarem de suas assembleias, o que desta vez, por inúmeras razões, não aconteceu, à diferença da assembleia do ano passado, em Goiânia.

As assembleias da SOTER acontecem sempre num clima que proporcione, além da reflexão e estudo teológicos, momentos de convivência, partilha de vida, oração e celebração da Vida. Em Ilhéus, o bispo diocesano Dom Walfredo Tepe participou do encontro e comemorou seu jubileu de ouro sacerdotal e jubileu de prata episcopal. Foi ele e sua diocese que acolheram, com fraternidade e hospitalidade, na casa de Retiro da Diocese, cerca de cento e cinquenta participantes do encontro, na Celebração Eucarística onde teólogos e participantes das comunidades celebraram com alegria e festa a sua vida de dedicação àquela Igreja e à causa da Teologia.

De Dom Tepe, são conhecidas suas intervenções lúcidas nos Sínodos e na Conferência Episcopal, suas constantes viagens para pregar retiros ou dar cursos e os sete livros que já escreveu. Atualmente está preparando um livro sobre "o que é ser padre hoje". A formação do clero local foi sempre sua prioridade e hoje a diocese já conta com um clero de feições autóctones. Dom Tepe reside no Seminário, numa experiência de convivência com o padre formador e os mais de 20 seminaristas, com quem cada dia de manhã celebra a euca-

ristia. Ao lado do seminário funciona, num prédio recém-construído, o Instituto de Teologia para a sua e várias dioceses da região.

O DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO

Amplamente comentado, através das exposições de ilustres teólogos brasileiros expoentes da Teologia da Libertação, o Documento Final da Assembleia Latino-Americana de Santo Domingo emerge como um valioso instrumento para a pastoral dos próximos anos. Mesmo considerando seus limites — a força da palavra libertação vem matizada com um abundante capítulo sobre a Promoção Humana e o método ver — julgar — agir é apresentado inversamente em julgar — ver — agir — o Documento reafirma a opção pelos pobres e ressalta que a evangelização deste final de milênio tem que levar em consideração as culturas presentes nos povos latino-americanos.

1. Sinais dos tempos

JOÃO BATISTA LIBÂNIO ressaltou que a postura metodológica de quem vai ler um texto é, em primeiro lugar, a de escolher um eixo a partir do qual fazer a leitura; e o eixo escolhido por ele para ler o texto de Santo Domingo foi o de discernir os *sinais dos tempos*, que para o documento são os fatos, os desafios (direitos humanos, ecologia, a terra, empobrecimento, trabalho, etc...). A resposta a esses desafios comporta uma dimensão cristológica (a prática de Jesus) e

soteriológica (a relação entre fé e caridade, o que em linguagem sociológica equivale ao equilíbrio entre teoria e práxis). O discernimento no documento será chamado de Promoção Humana.

CLODOVIS BOFF fez uma leitura crítica do Documento apontando para o que ele chamou de *redirecionamento* da conferência de Santo Domingo em relação a Medellín e Puebla; e, como a linguagem determina a mentalidade, a leitura do Documento traz à tona a primazia da dimensão religiosa e o enfraquecimento do conteúdo social que a Igreja Latino-Americana apresentara nas conferências anteriores. Houve, segundo ele, um esvaziamento do vocabulário da Teologia da Libertação. A palavra "libertação" perde sua predominância e o vocábulo "inserção" é excluído. Mudando o vocabulário, muda-se a sensibilidade.

Segundo Clodovis, a Igreja da América Latina passa por um momento de maior alinhamento com Roma, passando de Igreja-fonte (que já vem produzindo sua teologia e sua própria feição) para Igreja-reflexo. A primazia de um conceito universalista de Igreja aparece em detrimento do conceito de Igreja particular; e a centralização desfavorece o compromisso social. O nº 295 faz uma exortação enfática, afirmando que "*é a hora missionária da América. Dirijamos a todos um anúncio forte e entusiasta para a Evangelização*". Per-

gunta-se até que ponto este anúncio em chave querigmática engloba a lógica da relação fé-política, isto é, ser tanto mais religioso quanto mais engajado no social. E ainda, como combinar hoje a fome de Deus com a fome de pão? E os pobres, são sujeitos protagônicos da evangelização ou objetos de preocupação da Igreja (lembrando que o rosto do pobre dos anos 90 é o do excluído)?

Portanto, conclui Clodovis, após uma leitura do "sentido textual", há que se buscar o "sentido histórico" (projetar Medellín e Puebla no Documento, Cf. nº 290) e o "sentido espiritual" (aquilo que "o Espírito fala às Igrejas", Cf. Ap. 2,7), pois é o Espírito que dá "sujeitidade" à Igreja.

2. Jesus Cristo, Evangelho do Pai

O documento é mais detalhado em seu aspecto cristológico que pneumatológico. Jesus em pessoa, encarnado, é o Evangelho do Pai. Morrendo, é glorificado pois ressuscita. Falta uma menção mais explícita no documento à cruz de Cristo. Não se valorizando a cruz, não se valoriza sua historicidade e a cristologia fica fora da prática histórica da Igreja. Segundo BENE-DITO FERRARO, num continente de pobres e mártires, não se pode encobrir a violência contra os pequenos; e a morte dos pobres é revelada por uma cristologia que focalize a "morte matada" de Jesus.

A cristologia do documento foi analisada por CLETO CALIMAN,

para quem a realidade da Encarnação compreende um movimento de três etapas: 1) **proximidade**: o enviado de Deus vem ao encontro do Homem. Ser cristão se realiza no contexto da história; é esta a espiritualidade encarnada de uma Igreja que "se compromete numa opção evangélica e preferencial pelos pobres" (nº 278); 2) **Solidariedade**: surge quando se procura "descobrir nos rostos sofridos dos pobres o rosto do Senhor" (idem). Assim, o pobre é tomado como mediação necessária para compreender a própria figura de Jesus; 3) **Identificação**: o verbo de Deus se encarna no seio de uma cultura.

3. Igreja e Cultura.

A reflexão sobre Jesus Cristo vai desembocar na missão da Igreja. Segundo MANFREDO ARAËJO DE OLIVEIRA, o respeito às culturas latino-americanas não ocidentais (culturas africana e indígena primordialmente), acontecerá a partir do critério da liberdade, que é o fundamento de qualquer cultura. Sem cultura não há liberdade. O homem constrói-se na liberdade. A grande questão é a de buscar o sentido das culturas no processo de auto-construção do homem.

O que é o homem? O que é cultura? O Homem não é um ser imediato, programado, como o animal, mas o homem é o ser da mediação, da abertura ao mundo, das alternativas possíveis; o homem cria o seu tempo (Kairós), se engaja e constrói o mundo, cons-

trói a história, que é o espaço da liberdade, a efetivação das possibilidades humanas. Cultura é essa dinâmica onde se opera o homem, a história, a liberdade. Portanto o homem só existe culturalmente.

MANFREDO abordou o tema da cultura a partir de dois enfoques: cultura a partir das instituições e cultura a partir da atividade simbólica (arte, religião...). Dentro dessas atividades e mediado pela linguagem é que o homem realiza a sua práxis, que será de liberdade na medida em que for práxis de transformação. A cultura é a raiz da práxis humana.

A partir desses conceitos, a Igreja pode falar em evangelização a partir das culturas, o que é diferente de evangelização das culturas. Há que pressupor que as culturas (indígena, por exemplo) já continuam em si, antes mesmo da chegada do cristianismo, implicitamente, muito do que denominamos ética cristã e valores evangélicos. Uma evangelização libertadora e inculturada precisa descobrir, fazer emergir e tornar explícitos esses valores. Segundo Manfredo, "se o evangelho quer levar a sério o homem, tem que levar a sério as culturas". Nesse sentido se questiona quando o documento de Santo Domingo fala em insistência de cultura cristã ou de "purificar" as culturas.

RUMOS DA AÇÃO DA IGREJA

A SOTER entende que a Teologia é a razão da fé, a instância que leva ao discernimento, que por sua

vez conduz à prática pastoral. É o princípio de que a reflexão esclarece a fé e ilumina a ação. Assim, pois, algumas questões que emergem da realidade são tidos como desafios para a ação evangelizadora da Igreja latino-americana no final deste século: a espiritualidade que sustenta a vida do povo e lhe dá forças para resistir, a questão da modernidade e o projeto político internacional neo-liberalista, o problema da ética (na política, nas relações de trabalho), a pastoral urbana. Para ir respondendo a esses desafios, o encontro ressaltou, segundo CARLOS MESTERS, sete pontos:

1. Continuar a falar com insistência de Jesus Cristo encarnado na História; portanto, não esquecendo Sua cruz;

2. Continuar a usar a Bíblia, pois só ela pode salvar o povo da prepotência do poder. Santo Domingo usou-a pouco e fez uma leitura de certo modo reducionista. Que a Bíblia seja lida a partir da realidade dos pobres, a partir da história de hoje e não só de Israel;

3. Buscar um ecumenismo amplo (como no encontro de CEBs de Santa Maria), tendo como base a defesa da Vida, lembrando que Deus chamou Abraão para ser fonte de bênção para todos os povos;

4. A Nova Evangelização precisa ser entendida a partir da nova experiência de Deus que se vem fazendo nas últimas décadas, através do novo modo de ser Igreja (CEBs);

5. Acentuar a dimensão latino-americana da Igreja; há que se retomar o CELAM. A dimensão continental tem que estar presente;

6. Continuar os ensaios por uma maior participação por e novas estruturas de poder na Igreja (leigos, mulheres...); retomar a experiência bíblica do livro dos Juizes e Atos dos Apóstolos;

7. Entender o Apocalipse e, por meio dele, a teimosia da fé dos pobres. Estes continuam a entender que Deus é maior que o império que oprime.

Foram por fim iluminadoras as considerações de DOM WILDERINK VITAL, bispo de Itaguaí (RJ), membro da Comissão Episcopal de Pastoral da CNBB, que participou do Encontro e salientou a importância de uma reunião desta natureza, onde teólogos, em clima de serenidade, franqueza e busca de diálogo com os bispos, dão uma contribuição valiosa para o surgimento de "novos fios" condutores da energia que impulsiona a Igreja. Salientou o bispo que a Nova Evangelização depende de uma Nova Espiritualidade, isto é, uma verdadeira mística, que o teólogo só poderá encontrar em contato com a realidade e a vida.

Salientou três pontos que contribuem para uma releitura do documento em chave libertadora e com perspectiva de futuro: 1. É de suma importância que o Documento explicita a verdade sobre Jesus Cristo, pois em um mundo de tama-

nha pluralidade, em futuro não tão remoto a unicidade da mediação de Jesus Cristo poderá ser questionada; 2. A inculturação poderá ser reduzida a um problema estritamente acadêmico se, através de subsídios populares, sua reflexão não se voltar às comunidades e à opção pelos pobres; 3. A opção pelos pobres deve ser entendida

como uma atitude de Igreja e só existe na medida em que a Igreja se tornar verdadeiramente pobre.

O Autor:

Professor da Faculdade de Teologia
N. S. da Assunção
Av. Nazaré — 993
CEP 04263-100
Ipiranga — SP
Tel: 274-8600

ETÍOPE RESGATADO

Sérgio José Hemkemeier
Pós-graduando em Missiologia
e História da Evangelização.

Livro de Manoel Ribeiro da Rocha, publicado em Lisboa em junho de 1758. E agora reeditado graças ao teólogo e professor Paulo Suess, acrescentando uma vasta introdução crítica, muito útil para a compreensão da importância da Obra.

Manoel Ribeiro da Rocha, sacerdote e advogado português, doutor, professor e um fervoroso missionário. Viveu na Bahia no período auge da escravidão no Brasil.

Como se percebe pela leitura da Obra, Manoel Ribeiro da Rocha não foi um militante da causa africana, nem um lutador pela libertação da escravidão. A sua Obra é muito mais um discurso teológico-jurídico e que busca respostas para as questões referentes à escravidão em voga naquela época.

Seu trabalho traz muitas informações sobre a escravidão e principalmente mostra a mentalidade

da época. Aparecem assim algumas questões que eram problemáticas na época, como: 1) Fala partindo da perspectiva do escravo. O autor constata a necessidade objetiva de o Etíope ser resgatado da escravidão injusta. Ninguém adquire direito pela compra sobre um objeto roubado. A maior parte da escravidão é injusta. E por isso deve ser restituído. Manoel Ribeiro da Rocha fez a proposta do *Ventre Livre* das escravas, mas sem pleitear a proibição do tráfico negro. O liberto deve ficar servindo e obedecendo a seus patronos até a idade de 15 anos, ou no caso de terem aprendido algum ofício até 25 anos. Na segunda e terceira parte, o autor procura soluções para as dificuldades legais da escravidão arbitrária, por via e título de redenção, que garante os mesmos lucros. Pois, nas costas da África os comerciantes podem resgatar (não comprar) com suas mercadorias os